

JÂNIO A 24 QUADROS (1981), de Luís Alberto Pereira
Julia Porchat Knudsen¹

Jânio a 24 Quadros é um filme de 1981 dirigido por Luís Alberto Pereira. É um documentário que acompanha 30 anos da história política no Brasil, dos anos 1950 a 1980, de uma maneira bem humorada, tendo como grande personagem o ex-presidente Jânio Quadros. A produção também é por sua conta juntamente com Thomas Farkas. A fotografia é de Eduardo Poiano e Adilson Ruiz e a edição de Augusto Sevá, aspecto particularmente importante para o filme e que discutirei mais adiante.

Luiz Alberto Pereira é um cineasta, ator, diretor, compositor e roteirista nascido em Taubaté em 1951. Formou-se pela Universidade de São Paulo e teve uma produção no cinema voltada para curtas-metragens, tais como *O sistema do doutor Alcatrão e do professor Pena* (1973). *Jânio a 24 Quadros* foi seu primeiro longa-metragem. Posteriormente, dedicou-se a filmes de ficção, mantendo o tratamento bem humorado como uma característica da sua obra. *O Efeito Ilha* (1994) foi seu segundo longa e conta a história de um técnico de televisão que, após um acidente, tem sua imagem em todos os canais, 24 horas por dia, como numa espécie de reality show. Outros títulos são *Hans Staden* (1999), *Tapete Vermelho* (2005) e, o mais recente, *As Doze Estrelas* (2010).

Nos anos 1980, período em que temos uma série de documentários a respeito da história recente do país, como *Os anos JK* (1980) e *Jango* (1984), de Silvio Tendler, *Cabra Marcado para Morrer* (1984), de Eduardo Coutinho, dentre outros, *Jânio a 24 quadros* se destacou no que diz respeito à sua estética. Contrariando a seriedade e a montagem clássica dessas obras, o filme chegou a ser pensado em conjunto² com *Mato Eles?* (1983), de Sérgio Bianchi, e *Ilha das Flores* (1989), de Jorge Furtado no que diz respeito ao uso da ironia e de uma montagem ágil. Como observa Andrea França,

há filmes que podem desmistificar ou ironizar a imagem política - como faz *Jânio a 24 Quadros* (...) e assim transformar o personagem em uma espécie de farsante. Tudo depende da construção narrativa adotada pelo cineasta em suas opções de linguagem

¹ Bolsista de Iniciação Científica CNPq, orientado pelo prof. dr. Eduardo \ Morettin, dentro do projeto “Cinema e história no
² MARCHETI, Madiano. *Ironia a 24 quadros: estratégias narrativas subversivas no documentário brasileiro (e oposição à linguagem cinematográfica clássica)*. Relatório/ Resumo/ 2014/ Rio de Janeiro/ PUC - RIO. Orientadora: Prof. Dra. Andréa França. Disponível em http://www.puc-rio.br/Pibic/relatorio_resumo2014/relatorios_pdf/ccs/COM/COM-Madiano%20Marcheti.pdf, acesso 17/02/2017.

cinematográfica.³

Parte de *Jânio a 24 Quadros* é preto e branco e parte em cores. Essa mistura híbrida também aparece na sua estrutura, que conta com cenas documentais e ficcionais. Isso é feito através de uma montagem quase eisensteiniana e de atrações, de acordo com Andrea França⁴. Há um desejo de criar uma descontinuidade que chama a atenção para os cortes, a qual não tenta ser invisível, contrastando imagens em que um terceiro sentido é criado pela justaposição dos planos. Contudo, diferentemente de Eisenstein, Luiz Alberto Pereira usa essa montagem de maneira bem humorada, inserindo aparições súbitas de objetos, pessoas, gestos, acontecimentos, como na sequência em que insere a famosa vassourinha da campanha de Jânio Quadros. Nela, essa descontinuidade é percebida pelo espectador, mas com uma certa leveza dado o tom de diversão empregado pelo diretor.

Vale pontuar, entretanto, que existe um pensamento crítico por trás dessa comicidade. As oposições e os sentidos criados a partir dos próprios clichês da época (símbolos, emblemas e frases de efeito), em registro farsesco, como pontua Andréa França. Ela diz:

Jânio a 24 Quadros faz a crítica da ilusão da ruptura como farsa. Se a galeria de personagens da farsa revela caracteres reduzidos a poucos traços, de modo a tornarem-se tipos cuja linguagem e comportamento acentuam seus vícios até o ridículo, a dimensão política da farsa no filme se inscreve pelo viés da crítica jocosa do social e da mídia televisiva.⁵

Ainda sobre a estética, o filme estrutura sua narrativa na dialética composta por materiais de arquivo diversos como fotos, registros jornalísticos, entrevistas, registros de rádio contrapostos a outros produzidos para gerar juízo crítico sobre o conteúdo, como vozes em off de atores e não atores que narram, comentam e descrevem os acontecimentos cada qual com sua particularidade. Para França, "a partir dessa gama de materiais, o cineasta traça uma narrativa respeitando fatos históricos e ao mesmo tempo fazendo asserções de maneira irônica e às vezes com tom ácido sobre este mesmo período."⁶ Ele estabelece uma maneira de comentar os fatos históricos sem ater-se ao tom mais didático.

Jânio a 24 Quadros teve recepção melhor de crítica do que de público. Ele venceu o

³ FRANÇA, Andréa. "Jânio a 24 quadros e a montagem como farsa", *Devires*, v. 12. n. 2, jul/dez 2015, p. 1.

⁴ *Idem, ibidem*.

⁵ MARCHETTI, Madiano, *op. cit.*, p. 58

⁶ FRANÇA, Andréa, *op. cit.*, p. 6

prêmio de Melhor Filme na Mostra Internacional de Cinema do Museu de Arte em São Paulo e o de Melhor Edição no XVI Festival de Brasília, ambos em 1981. Além disso, foi indicado para Melhor Filme no Festival de Cinema de Gramado de 1982.